Oficina do paladar: Uma proposta de ação pedagógica inclusiva e interdisciplinar

Taste Workshop: A proposal for inclusive and interdisciplinary pedagogical action

Cássia Cilene de Almeida Chalá Machado[1];Aline Olin Goulart Darde[2]; Ciriane Jane Casagrande da Silva[3].

Resumo

O presente relato de experiência refere-se ao recorte do projeto "Experiências Multissensoriais" evidenciando a oficina do paladar, a qual foi considerada o "ápice" da proposta inclusiva e interdisciplinar. Esse projeto foi desenvolvido no primeiro semestre de 2015 por professoras da Educação Especial em duas turmas de primeiros anos do ensino fundamental no Colégio de Aplicação/UFSC na cidade de Florianópolis. Ao realizar essa ação pedagógica no Colégio de Aplicação, buscávamos promover experiências que possibilitasse a cada criança, o contato com o mundo das sensações, levando-a para uma captação ativa do seu meio, bem como, para a valorização das diferenças humanas e do respeito mútuo. A oficina do paladar possibilitou parcerias com a nutricionista do colégio, professoras da Educação Geral e professor de LIBRAS e bolsistas de Acessibilidade Educacional.

Abstract

The experience report refers to the cut of the "multi-sensory experiences" showing the taste workshop considered the "apex" of inclusive and interdisciplinary approach. The Special Education teachers developed the project during the first half of 2015 with two groups of the early years of elementary school at the Federal University Experimental School in

[1] Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), especialista em Educação Especial pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) e em Psicopedagogia (Amparo/SP). Professora de Educação Especial do Colégio de Aplicação/UFSC e mestranda da Linha de Ensino e Formação de Educadores/PPGE/UFSC. Email: cassiachala@yahoo.com.br

[2] Graduada em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), especialista em Educação Especial pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Graduanda no curso de fonoaudiologia na Universidade Federal de Santa Catarina. Professora de Educação Especial do Colégio de Aplicação/UFSC. Email: alineolin@yahoo.com.br

[3] Graduada em Educação Física pela Universidade de Passo Fundo, (UPF) e em Pedagogia pela Cesumar. Especialista em Educação Especial (UPF), em Deficiência Intelectual (UPF) e Deficiência Auditiva (UPF). Mestrado em Ciências da Saúde Humana pela Universidade do Contestado (UnC) e Mestrado em Educação (UPF). Professora de Educação Especial do Colégio de Aplicação/UFSC. Email: ciriane.j@ufsc.br

Florianópolis. The pedagogical action applied aimed at promoting experiences that would provide every child with contact with the world of sensations taking them to an active uptake of their environment, as well as to the appreciation of human differences and mutual respect. The taste workshop made partnerships possible with the nutritionist of the school, General Education teachers, Brazilian Sign Language teachers, and Educational Accessibility fellows.

Palavras-chave: Estudantes (com e sem deficiência); professoras da Educação Especial; trabalho pedagógico inclusivo; experiências multissensoriais.

Keywords: Students (with and without disabilities); Special Education teachers; inclusive pedagogical work; multisensory experiences.

O presente relato de experiência traz um recorte do projeto "Experiências Multissensoriais", o qual foi realizado no primeiro semestre de 2015 em duas turmas de primeiros anos do ensino fundamental, no Colégio de Aplicação/UFSC, em Florianópolis/SC.

Cabe destacar, que o Colégio de Aplicação (CA) é considerado o colégio pioneiro de órgão federal que possui em seu quadro de profissionais[4], quatorze professores efetivos de Educação Especial e dois professores efetivos de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), nomeados em agosto de 2014, os quais buscam estratégias pedagógicas inclusivas capazes de atender ao expressivo número de estudantes público alvo da Educação Especial[5] que ingressaram por meio de cotas de sorteio [6].

Nas duas turmas onde o projeto foi realizado, as professoras de Educação Especial trabalham em regime de co-docência com os demais professores das turmas, de acordo com a Proposta Pedagógica de Inclusão Educacional do Colégio de Aplicação[7] /UFSC aprovada no final do ano de 2014.

O projeto "Experiências Multissensoriais" foi pensado por nós, professoras da Educação Especial com a finalidade oportunizar a todos os estudantes, com e sem deficiência, experiências sensitivas que possibilitassem desmistificar a dualidade entre "o certo e o

[4]Conforme Edital nº123/DDP/2014 (site: http://segesp.ufsc.br/files/2014/09/Candidatos-Nomeados-Edital-123DDP2014.pdf)

[5] Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a constituir a proposta pedagógica da escola, definindo como seu público-alvo os alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (MEC/SEESP,2008).

[6] Segundo a Proposta Pedagógica de Inclusão Educacional do Colégio de Aplicação (2014, p.6): "O ingresso dos estudantes com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação à instituição dar-se-á por meio de sorteio de vagas, sendo que está prevista uma cota de 5% do número de estudantes por série para atender este público alvo." (Site: http://www.ca.ufsc.br/files/2015/04/Porposta_Pedagogica_Inclusao_CA_2014.pdf)

[7] Segundo a Proposta Pedagógica de Inclusão Educacional do Colégio de Aplicação (2014, p.20), uma das ações de professores da Educação Especial é: "Trabalhar em regime de co-docência nas turmas dos anos iniciais, que apresentem alunos que requeiram a atuação de professor da Educação Especial e compartilhar das responsabilidades pedagógicas com o professor em sala..." (Fonte: site http://www.ca.ufsc.br/files/2015/04/Porposta_Pedagogica_Inclusao_CA_2014.pdf)

errado", "possível e impossível", bem como, minimizar os malefícios causados por ações pedagógicas que buscam a padronização de comportamentos como se houvesse uma única maneira de "ser", de "sentir", de "pensar" e de "agir". Tudo o que foge da norma causa estranheza e insegurança.

Nesse sentido, cabe lembrar que os ambientes escolares inclusivos,

> [...] são fundamentados em uma concepção de identidade e diferenças, em que as relações entre ambas não se ordenam em torno de oposições binárias (normal/especial, branco/negro, masculino/feminino, pobre/rico). Neles não se elege uma identidade como norma privilegiada em relação às demais (RAPOLI et al., 2010, p.7).

A Educação inclusiva prima por uma escola onde haja espaço para todos, onde os estudantes possam construir seus conhecimentos de acordo com suas capacidades, se expressar de maneira livre e participativa e se desenvolver por meio de suas diferenças. Isto é, falamos de uma educação inclusiva que garanta o direito da diferença e não somente à diversidade, uma vez esta pressupõe grupos idênticos (RAPOLI et al., 2010).

Para Goffman (1988), o "desvio da norma" e/ou marcas significativas no aprender ou comportar-se, se constituem como um rótulo imposto. A sociedade, em contrapartida, alimenta no decorrer do tempo um descrédito crescente, baseada em visões do que sejam comportamentos padrões, partindo de pré-concepções do que seja normalidade e "desviante". Segundo o autor,

> [...] o indivíduo estigmatizado tem uma tendência a estratificar seus "pares" conforme o grau de visibilidade e imposição de seus estigmas. Ele pode, então, tomar em relação àqueles que são mais evidentemente estigmatizados do que ele as atitudes que os normais tomam em relação a ele (GOFFMAN, 1988, p.118).

Cada indivíduo tem a tendência de responder às perguntas conforme sua sensibilidade, suas referências, seus preconceitos, enfim, suas próprias normas. Dessa forma, é fundamental a ampliação de uma visão para além das dificuldades específicas desta ou daquela deficiência para que seja respeitada a singularidade de cada sujeito com qualquer tipo necessidade especial. Para Ferreira (1989), o igualitarismo absoluto é injusto, visto que, concebe as pessoas de forma única, deixando de evidenciar as desigualdades que tanto as diferenciam.

Buscávamos também, ações pedagógicas que pudessem envolver outros profissionais do colégio, de maneira a contemplar o seu caráter interdisciplinar, intersetorial, inclusivo e lúdico. Foi nessa direção, que tivemos a oportunidade de reunir diferentes profissionais, como: bolsistas de estágio não-obrigatório, bolsistas auxiliares de sala de aula, professores da educação geral, professoras da educação especial, professor de LIBRAS e nutricionista os

quais anterior ao projeto, tinham poucas oportunidades para compartilhar seus conhecimentos e principalmente, articular as especificidades das diversas áreas de atuação em uma proposta diferenciada, significativa e inclusiva.

Entendemos que, a "[...] ação pedagógica se efetiva na interdisciplinaridade através do desenvolvimento da sensibilidade, de uma formação adequada e necessária na arte de entender e esperar, no desenvolvimento da criação e da imaginação" (PREZIBÉLLA, p.4).

Cabe salientar que, a articulação intersetorial é uma das estratégias de efetivação da inclusão escolar em todas as dimensões, desde as políticas públicas até nas relações entre setores da educação, saúde e assistência social. São serviços interdependentes e, a partir dessa lógica, a articulação intersetorial promove a educação inclusiva e desafia a escola a encontrar maneiras de se articular com os demais serviços, trazendo benefícios para a prática pedagógica. Busca-se então, ações que promovam um espaço escolar legítimo para os alunos com deficiência e uma educação que focalize as diferenças individuais (KRONHARDT, 2010).

Destacamos que, o Projeto "Experiências Multissensoriais" contemplou 40 (quarenta) crianças com 6 e 7 anos de idade, das quais, três crianças são consideradas público alvo da Educação Especial, com diagnóstico de surdez, deficiência intelectual e Transtorno do Espectro Autista (TEA). As crianças consideradas público alvo da Educação Especial que participaram desse relato foram distribuídas da seguinte forma: numa turma há duas crianças sendo uma diagnosticada com surdez e a outra, com deficiência intelectual (Síndrome de Down) e na outra turma, há uma criança com diagnóstico de TEA.

Ao realizar essa ação pedagógica no Colégio de Aplicação, as professoras de educação especial buscavam promover experiências que possibilitassem a cada criança, o contato com o mundo das sensações, levando-a para uma captação ativa do seu meio, bem como, para a valorização das diferenças humanas e do respeito mútuo. As oficinas do projeto tinham como foco estimular de forma planejada e dinâmica, cada em 1 (um) dos 5 (cinco) sentidos: a visão, a audição, o paladar, o tato e o olfato, pois entendíamos que, com essa estratégia de organização, havia a possibilidade de intensificar as sensações das crianças permitindo-lhes maiores reflexões a respeito da(s) experiência(s) proposta(s).

O projeto inicial foi organizado, em 5 (cinco) oficinas de 1h/a, porém, no decorrer das oficinas foram necessários ajustes aumentando o número de encontros e a duração das oficinas (oscilando entre 1h/a e 2h/a), totalizando no final 7(sete) encontros. Cabe salientar

que, a cada finalização das oficinas tínhamos a preocupação em avaliá-las tanto com profissionais envolvidos como as crianças, pois só assim, conseguiríamos buscar melhorias e adequações para as atividades pedagógicas, bem como, coletar dados para análise de resultados do projeto.

Nesse relato optamos em evidenciar a oficina do paladar por acreditar que a mesma foi o "ápice" da ação pedagógica interdisciplinar, lúdica e inclusiva. Dizemos isso, porque foi nessa oficina que conseguimos reunir diferentes profissionais nos processos de elaboração, execução e avaliação. Essa oficina ocorreu no quinto encontro reunindo diferentes profissionais, os quais foram distribuídos nas diferentes atividades planejadas pelo grupo. A duração máxima era de 2h/a e tínhamos dois espaços do colégio para nos organizar, ou seja, uma sala de aula (do 1º ano C) e o refeitório. Lembrando que a participação da nutricionista do CA nessa oficina possibilitou uma maior aproximação com os estudantes, com as professoras de Educação Especial e com os demais profissionais envolvidos.

Organizamos as atividades da seguinte forma: primeiramente aconteceu a atividade 1 onde as duas turmas participaram da conversa com a nutricionista sobre as sensações palatais provocadas pelos alimentos e a importância de uma alimentação saudável (veja figura1). A conversa com a nutricionista teve duração de 15 minutos.

Figura1- Conversa da nutricionista do colégio com as crianças[8]

Em seguida os estudantes foram distribuídos nas seguintes atividades: atividade 2- referente ao "Circuito do Paladar" e atividade 3- referente ao "Jogo da memória de frutas em LIBRAS". A duração das atividades era de 15 minutos por grupo de estudantes para que todos os estudantes pudessem passar pelas duas atividades.

No circuito do paladar contou com a participação de dois grupos (um por vez) de 20 (vinte) crianças distribuídas da seguinte forma: metade do grupo pertencia a turma do 1º ano B e a outra metade pertencia ao 1º ano C. Previamente organizamos quatro fileiras com cinco

[8] FONTE: MACHADO, Cássia. fotografia tirada em 14/07/2015 na sala de aula do 1º ano C no CA/UFSC.

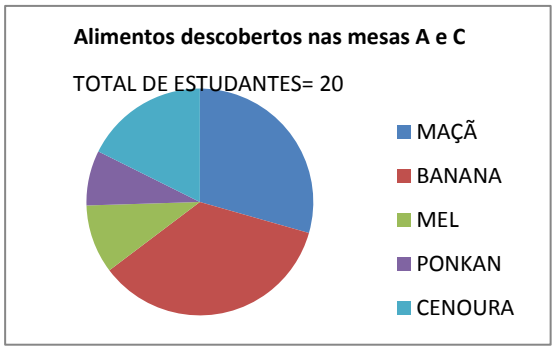
cadeiras e em cada fileira, havia uma pessoa responsável para realizar a entrega das frutas para as crianças descobrirem de olhos vendados. Uma criança (veja figura3) por vez era chamada na fila para sentar-se próximo a mesa e com o auxílio de um adulto, seus olhos eram vendados.

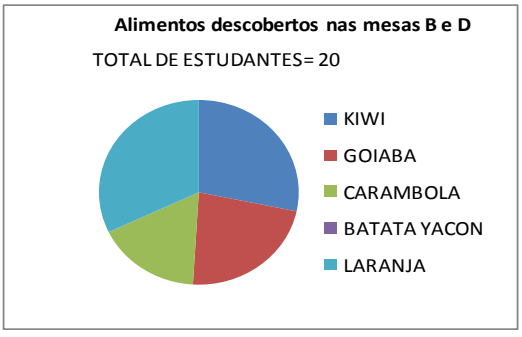
Figura 3-Crianças provando os alimentos no circuito do paladar[9]

Para essa atividade escolhemos dez alimentos, sendo a maioria deles fornecido pelo próprio colégio e alguns comprados por nós, professoras da Educação Especial conforme as orientações da nutricionista.

Decidimos que para a coleta de informações era necessário repetir os alimentos pelo menos em duas mesas, ou seja, na mesa com a letra "A" teria os mesmos cinco alimentos da mesa com a letra "C" e a mesa com a letra "B"com os mesmos cinco alimentos da mesa da letra "D". Lembrando que na mesa "A" e "C" havia os seguintes alimentos: mel, ponkan, cenoura, banana e maçã e na mesa "B" e "D" havia: kiwi, batata yacon, carambola, laranja e goiaba.

Os gráficos a seguir referem-se aos alimentos descobertos pelos estudantes[10] :





[9] FONTE: MACHADO, Cássia. fotografia tirada em 14/07/ 2015 no refeitório do CA/UFSC.
[10] Construção do gráfico a partir dos dados coletados durante a realização do circuito do paladar peãs professoras de Educação Especial.

De acordo com os gráficos é possível identificar que os alimentos mais evidenciados foram às frutas, dentre elas: a banana, a maçã, a laranja e a goiaba. Possivelmente, por serem frutas mais populares/conhecidas e talvez, por fazer parte da alimentação dessas crianças que de certa forma, contribuiu para a identificação do sabor por meio do paladar. Cabe ressaltar que, todos os alimentos do "circuito do paladar" foram devidamente higienizados pela nutricionista e pelas funcionárias (merendeiras), bem como, manipulados com a utilização de luvas e toucas descartáveis pela responsável por cada fileira.

Para execução dessa atividade foi necessário 8 (oito) profissionais: 4 pessoas para entregar os alimentos, ou seja, 1(uma) bolsista, 1(uma) nutricionista e 2 (duas) professoras da Educação Especial e 4 pessoas para amarrar as vendas e marcar na tabela os alimentos descobertos, sendo elas: 1(uma) professora da Educação Geral e 3(três) bolsistas. Distribuímos as professoras de Educação Especial da seguinte forma: a professora Aline atuou como professora de Educação Bilingue e as professoras Cássia e Ciriane como professoras de Educação Especial.

Também tivemos a ideia, de confeccionar fichas com números (conforme cada alimento) e uma letra representando a mesa da fileira onde cada criança estava, pois dessa forma, garantiríamos o sigilo dos alimentos descobertos. Ex: Se uma criança estava na mesa "D" e acertasse que o alimento experimentado era cenoura recebia a ficha 3D. Ao finalizar a atividade, as crianças puderam escolher os alimentos que desejam experimentar sem venda nos olhos e para nossa surpresa, um grande número de crianças que diziam não gostar de frutas (conforme a conversa com a nutricionista), acabaram experimentando-as.

Pensando na acessibilidade de todos os estudantes, ao planejarmos essa atividade pensamos em como trazer acessibilidade à estudante surda, sendo possível por meio de Libras Tátil, que consiste na "[...] utilização da língua de sinais utilizada pelas pessoas surdas adaptada para o tato" (TATEISGHI et al., 2010, p. 01).

Sendo assim, a atividade 3- jogo da memória de frutas em LIBRAS foi pensada em conjunto com professor Ricardo o qual ministra a disciplina de LIBRAS nos três primeiros (1º ano A, B e C) com as contribuições das professoras de Educação Especial (em especial da professora Aline) e dos demais profissionais. Assim, como parte da oficina, realizou-se uma atividade envolvendo a Língua de Sinais, uma vez que, essa língua para além das aulas ministradas, já é utilizada naturalmente pelas crianças na comunicação cotidiana no colégio,

em função da presença do professor Ricardo e da estudante surda de uma das turmas do primeiro ano.

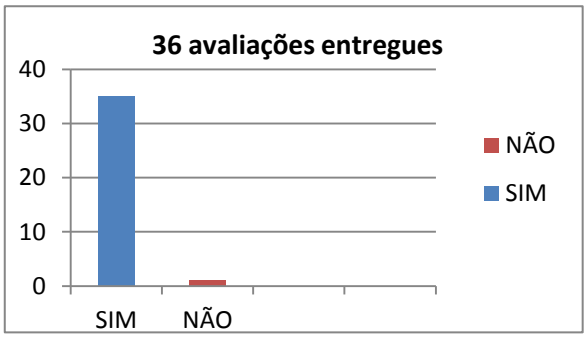
A atividade iniciou numa roda de conversa em LIBRAS com as crianças sobre as frutas preferidas de cada uma e como recurso, utilizamos imagens de frutas no Microsoft PowerPoint (com a utilização do Data show). Durante a conversa, os sinais das frutas foram sendo apresentados às crianças de maneira bem natural e em seguida, na própria roda, foi proposto um jogo da memória coletivo envolvendo os sinais das frutas, no qual foi possível perceber como a brincadeira possibilita a aprendizagem, pois as crianças logo se apropriaram dos sinais em LIBRAS das frutas encontradas.

Ao final da aula, as crianças levaram para casa como tarefa[11], uma atividade referente à oficina do paladar, bem como, a avaliação da mesma a qual era preenchida em conjunto com a família.

Cabe salientar que, em cada oficina as crianças tinham o contato com diferentes sensações (por meio dos cinco sentidos) as quais provocavam uma pluralidade de reações, bem como, contribuíam para o entendimento que não existe uma única forma se relacionar com o mundo, e sim, um universo de possibilidades.

Com os gráficos abaixo, analisamos os resultados das avaliações da oficina do paladar.

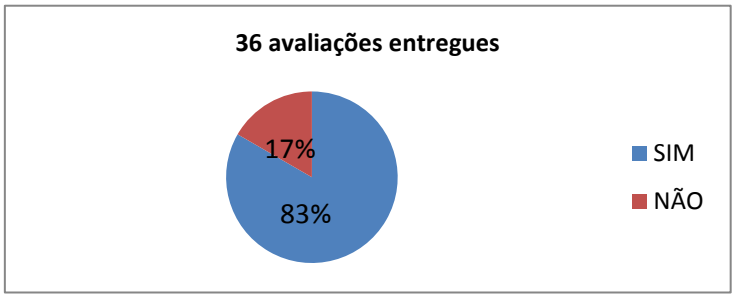
1-A OFICINA DO PALADAR FOI INTERESSANTE?



Observa-se que das 36 avaliações sobre a oficina do paladar, 35 alunos consideraram que a mesma foi interessante, o que mostra que a proposta e a forma como a oficina foi pensada e abordada foi eficaz na opinião das crianças.

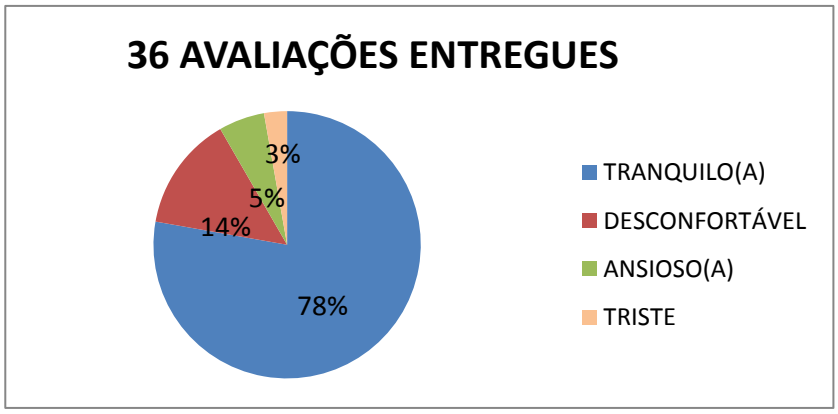
[11] Atividade (tarefa) foi elaborada pelas professoras da Educação Especial juntamente com as professoras da educação Geral, posterior ao trabalho foi trabalho em ciências sobre as vitaminas de cada fruta e um passeio pelo colégio observando as árvores frutíferas que ele possui como: carambola, goiaba, banana, butiá, entre outras.

2- VOCÊS GOSTARAM DA CONVERSA COM A NUTRICIONISTA?



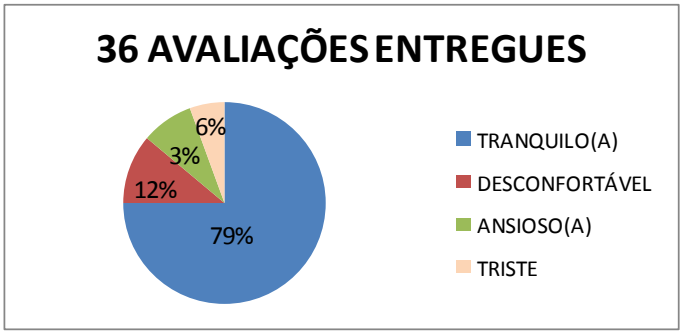
A nutricionista exerce um papel fundamental no cotidiano escolar. No entanto, sua participação na maioria das vezes fica na invisibilidade para algumas crianças, visto que, seu trabalho embora esteja refletido cotidianamente no recreio, é pouco valorizado. Sua tarefa e conhecimentos dificilmente convergem para um diálogo sobre a alimentação e/ou as sensações palatais provocadas pelos alimentos e a importância de uma alimentação saudável. Essa oficina propiciou por meio da ação pedagógica, uma interlocução da nutricionista com os estudantes, sendo que 83% das crianças gostaram da conversa com a nutricionista, sendo que somente 17% das crianças não acharam a conversa interessante.

3- COMO VOCÊS SE SENTIRAM AO PARTICIPAR DO CIRCUITO DO PALADAR?



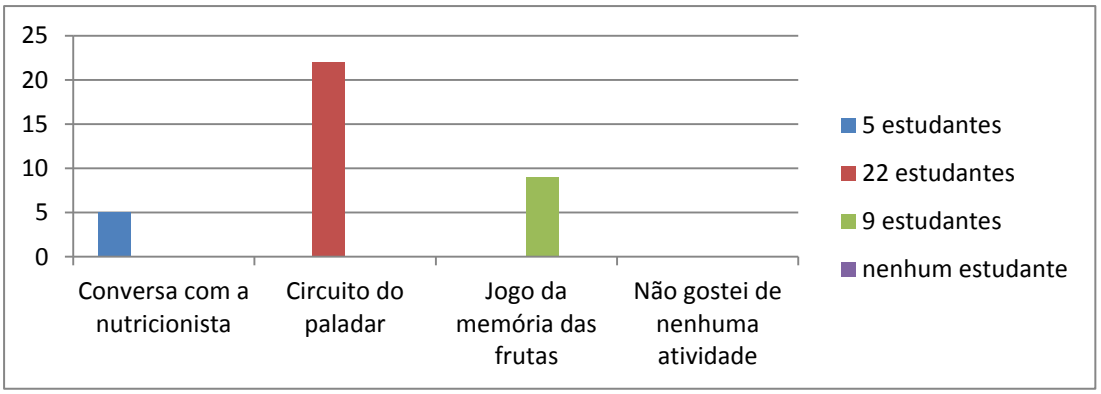
O resultado de 78% dos estudantes sentirem-se tranquilos, mostra que houve uma preparação por parte das crianças para essa experiência, pois ao colocar uma venda, movimentar-se e comer algo sem conseguir enxergar, são situações que poderiam lhe provocar uma sensação de insegurança e de desconforto, porém o que constatamos é que somente 14% das crianças ficaram desconfortáveis e 5% ansiosas.

4- E AO PARTICIPAR DO JOGO MEMÓRIA DAS FRUTAS EM LIBRAS?



O fato de ter uma criança com surdez fez com que pensássemos em realizar uma atividade envolvesse a LIBRAS, sendo contemplada no jogo da memória coletivo das frutas. Cabe salientar que para além da aprendizagem de forma lúdica, pois entendemos que o uso da língua de sinais configura-se como uma ação inclusiva e necessária para a sociedade. De acordo com as avaliações das crianças, a atividade foi aprovada por 79% dos estudantes, sendo que, somente 12% sentiram-se desconfortáveis, 6% tristes e 3% ansiosos.

5-QUAL A ATIVIDADE QUE VOCÊS MAIS GOSTARAM NESSA OFICINA?



A atividade preferida pelas crianças foi o "circuito do paladar", com a aprovação de 22(vinte e dois) estudantes, evidenciando que experimentar os alimentos foi a atividade que as crianças mais gostaram. Em segundo lugar, foi o "jogo da memória das frutas" foi o que chamou a atenção de 9 (nove) estudantes e finalmente, a conversa com a nutricionista, mesmo sendo mais expositiva foi a preferida por 5 (cinco) estudantes, o que nos possibilita compreender a importância da nutricionista na escola e como é imprescindível oportunizar espaços para que a mesma possa realizar o seu trabalho com relação as diversas abordagens que envolve a higiene e a alimentação saudável. O gráfico acima mostra que as atividades da oficina foram satisfatórias para os estudantes, visto que, nenhum estudante declarou não ter gostado das atividades realizadas.

De acordo com os dados coletados nas avaliações é possível perceber o grau de aprovação da oficina pelos participantes, bem como, o quanto essa experiência foi significativa possibilitando-lhes diferentes sensações. Dessa forma, entendemos que essa oficina cumpriu com o seu caráter de ação pedagógica interdisciplinar e inclusiva, pois tivemos a oportunidade de reunir diferentes profissionais (professores de educação especial, de educação geral e de LIBRAS, nutricionista do colégio e bolsistas de estágio não-obrigatório) de áreas de conhecimento diversificadas com o foco no respeito mútuo e na valorização de todos.

Considerações finais

Para finalizar, gostaríamos de salientar a importância de ações pedagógicas interdisciplinares/com articulação intersetorial, lúdicas e inclusivas para que todos sejam respeitados e valorizados (funcionários, professores, gestores, estudantes,...) no contexto escolar. No entanto, é preciso que haja abertura para que possamos formar parcerias na ação pedagógica, bem como, haja o compartilhamento de responsabilidades na ação de educar. Uma vez que a inclusão não é um processo paralelo à escola e sim, um processo que perpassa por toda a escola.

Referências

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

KRONHARDT, Claudine. **A articulação intersetorial na implementação das políticas públicas no âmbito escolar**. UNISINOS, 2010.

MANSINI**,** Elcie F. Salzano. **A experiência perceptiva é o solo do conhecimento de pessoas com e sem deficiências sensoriais**. *Psicol. estud.* [online]. 2003, vol.8, n.1, pp. 39-43. ISSN 1807-0329.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António. **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PREZIBÉLLA, Paulo Roberto Marconi. **A CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁXIS INTERDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA**. Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1377-8.pdf

ROPOLI, Edilene Aparecida. [et al]. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva** /MEC,v.1, [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.

TATEISHI, Bruno [et al.]. **A inclusão de portadores de Surdocegueira**. Revista Pandora Brazil, 2010.